

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE  
PORTO ALEGRE – UFCSPA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PSICOLOGIA E SAÚDE**

**Leo Schuch de Azevedo e Souza**

**Self-sexual: variáveis  
multidimensionais da sexualidade de  
adultos jovens brasileiros**

**UFCSPA**  
**Universidade Federal de Ciências da Saúde  
de Porto Alegre**

**Porto Alegre  
2018**

#### Catálogo na Publicação

Azevedo e Souza, Leo Schuch de  
Self Sexual: variáveis multidimensionais da  
sexualidade de adultos jovens / Leo Schuch de Azevedo e  
Souza. -- 2018.

56 p. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de  
Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, 2018.

Orientador(a): Profa. Dra. Mariana Boeckel.

1. self-sexual. 2. saúde sexual. 3. sexualidade. 4.  
autoestima. 5. subjetividade sexual. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a).

**Leo Schuch de Azevedo e Souza**

**Self-sexual: variáveis multidimensionais da sexualidade de  
adultos jovens brasileiros**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia e Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Gonçalves Boeckel

Porto Alegre  
2018

**Self-sexual: variáveis multidimensionais da sexualidade de adultos jovens  
brasileiros**

**BANCA AVALIADORA**

---

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Departamento de Psicologia Social

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa

Departamento de Psicologia Social

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

---

Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski

Departamento de Psicologia

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

Porto Alegre

2018

## RESUMO

A sexualidade é um aspecto central dos seres humanos, se expressando através de pensamentos, desejos, crenças, atitudes, valores e comportamentos. A presente dissertação visa apresentar um estudo referente à variável Self-sexual, um constructo multifacetado de autopercepção que indica o quanto uma pessoa se sente protagonista da sua própria sexualidade ou, ainda, o quanto ela se percebe objetificada sexualmente, agindo conforme o que é socialmente imposto. Tais fatores se mostram mais fundamentais durante o fim da adolescência e o início da adultez, devido ao processo de maturação sexual e à relevância intensificada da sexualidade nesta fase do desenvolvimento. Este estudo teve por objetivo descrever o self-sexual de jovens adultos brasileiros, buscando compreender a correlação entre self-sexual e algumas variáveis como autoestima e bem-estar geral, índices de religiosidade e outras variáveis sociodemográficas como orientação sexual. 1380 indivíduos residentes no Brasil, de 18 a 30 anos, responderam a uma pesquisa online gratuita, que incluía: o Inventário de Self-Sexual (ISS) – versão traduzida especificamente para esta dissertação para o português brasileiro da Male Sexual Subjectivity Inventory; a Escala de Satisfação com a Vida; a Escala de Autoestima de Rosenberg, o P-DUREL e um questionário de dados sociodemográficos composto de 21 perguntas. Os resultados apontaram que todas as subescalas do ISS (autoeficácia sexual, autoestima sexual-corporal, sensação de direito a receber prazer de si e do(a) parceiro(a), e autorreflexão-sexual) obtiveram uma correlação positiva com as escalas de satisfação com a vida e autoestima geral. Conforme esperado, algumas das subescalas apresentaram correlação negativa com a variável religiosidade, embora uma subescala (autoestima sexual) obteve uma correlação positiva. A amostra foi composta quase que inteiramente por pessoas cisgêneras. Ao fazer comparações entre a amostra cisgênera, mulheres obtiveram escores significativamente maiores nas subescalas de sensação de direito a receber prazer de si e do(a) outro(a). Ao comparar orientações sexuais, as mulheres bissexuais se destacaram com maiores resultados que homens e mulheres heterossexuais, apesar de apresentarem menor autoestima. Pesquisas futuras com mais variáveis e amostras maiores irão colaborar para ampliar a compreensão desse constructo pouco explorado, o que poderá desempenhar um papel significativo visando o aumento da qualidade de vida.

Palavras-chave: Self-sexual, Saúde sexual, Sexualidade, Autoestima, Subjetividade Sexual, Religiosidade, Bem-Estar

## **ABSTRACT**

Sexuality is a central aspect of human beings, expressed through thoughts, desires, beliefs, attitudes, values and behaviors. This dissertation aims to study sexual subjectivity, a self-perceptive multi-layered construct that indicates how much a person feels as the protagonist of their own sexuality, or, conversely, on the other side of the spectrum, how much he or she feels sexually objectified, behaving based on what is socially imposed. Such factors appear to be even more fundamental during late adolescence and early adulthood, due to the process of sexual maturity and the intensified relevance of sexuality during this developmental phase. This study was conducted to assess and describe the sexual subjectivity of young Brazilian adults, aiming to comprehend the correlation between sexual subjectivity and certain variables such as self-esteem and general well-being (chosen to indicate quality of life), religiosity and other social-demographic variables such as sexual orientation. 1380 Brazilian residents from ages 18 to 30 answered a free online survey, including the Inventário de Self-Sexual (ISS) – a Brazilian Portuguese translated version specifically elaborated for this dissertation from the Male Sexual Subjectivity Inventory; the Satisfaction with Life Scale; Rosenberg's Self-esteem Scale; the Duke University Religion Index and a social-demographic questionnaire composed of 21 questions. Results showed that all of the ISS's subscales (sexual self-efficacy, sexual body-esteem, entitlement to sexual pleasure from self and partner, and sexual self-reflection) had a positive correlation with the quality of life scales. As expected, some of the sexual subjectivity subscales appeared to have a negative correlation with religiosity, while one (sexual body-esteem) of them presented a positive correlation. The sample was composed almost entirely of cisgender people. When comparing results among the cisgender sample, women scored significantly higher on the entitlement to sexual pleasure from self and partner subscales. When comparing between sexual orientations, bisexual women stood out with higher scores than the heterosexual men and women, despite having lower self-esteem. Future research with more variables and a broader sample will help further the understanding of this barely explored construct, which may play a significant role towards a happier and healthier quality of life.

Key words: Sexual subjectivity; Sexual health; Sexuality; Self-esteem; Sexual-Self

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Características dos Participantes... ..	34
Tabela 1.2 – Características dos Participantes (continuação).....	35
Tabela 2 – Comparação de Escalas entre 6 subgrupos.....	36
Tabela 3 – Comparação de Escalas entre Homens e Mulheres.....	37
Tabela 4 – Correlação entre as escalas.....	38

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	04
2.1 OBJETIVO GERAL .....	05
2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	05
<b>3 ARTIGO</b> .....	06
<b>4 CONCLUSÃO DA DISSERTAÇÃO</b> .....	36
<b>APÊNDICES</b> .....	40
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	40
APÊNDICE B - Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos.....	41
APÊNDICE C - Inventário de Self-Sexual.....	43
APÊNDICE D – Escala de Satisfação com a Vida.....	44
APÊNDICE E - Escala de Autoestima de Rosenberg.....	45
APÊNDICE F - Índice de Religiosidade da Universidade Duke.....	46



## 1 INTRODUÇÃO

Se me perguntassem três anos antes de entregar essa dissertação, jamais imaginaria que eu estaria de volta à academia. Muito menos imaginaria que estaria estudando e pesquisando um tópico como esse. E que bom que o mundo dá volta. Durante o meu curso de especialização no Instituto de Terapias Cognitivo-Comportamentais (InTCC), tomei conhecimento do ambulatório do NAPSE – Núcleo de Atendimento e Promoção de Saúde em Sexualidade e Gênero. No NAPSE, entrei em contato com múltiplas facetas do estudo da sexualidade, desde o processo de trabalhar com pessoas passando por etapas de identificação transgênera até casos de terapia sexual. Em todos casos, um tópico estava ali, eternamente presente como influenciador de preconceitos, prejuízos sociais e as mais diversas formas de sofrimento, ele – o machismo. Ele não circulava só nos meus círculos profissionais; basta sair na rua que ele estará ali, em cada esquina. Aliás, não precisa nem sair na rua, entre numa rede social ou ligue uma televisão. Na minha vida pessoal e nos meus relacionamentos interpessoais, esse mesmo tópico já vem crescendo exponencialmente nos últimos cinco anos. É possível que esteja ligado ao que alguns autores categorizam de “quarta onda do feminismo”, embora da maneira informal que o assunto tomou conta à minha volta, não saberia precisar se esse é o título apropriado para este fenômeno. De todo modo, baseado na maneira que o assunto me toca, eu deveria ter imaginado que ele estaria tomando uma importante parte do meu caminho.

Eis que ingressei no Mestrado em Psicologia e Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), tendo como interesse algum assunto dentro do amplo leque da sexualidade. Pesquisas iniciais chamaram atenção pelo forte teor biomédico relacionado à sexualidade, isto é, estudos que tinham como foco determinadas doenças e disfunções sexuais, tendo em comum o paradigma de que saúde seria ausência de doença. Para mim, que fiz meu trabalho de conclusão da graduação focado em Empatia, era preciso achar algo ligado ao entendimento do sentimento do outro, ou algo associado à sexualidade, outro tópico que sempre me fascinou e só se reforçou com o NAPSE. Buscando artigos dentro dessa perspectiva, acabei me deparando – e me encantando – com o estudo de um constructo que justamente

unia empatia e sexualidade, um conceito até então desconhecido a mim: “Sexual Subjectivity”. Lendo o processo através do qual as autoras australianas Sharon Horne e Melanie Zimmer-Gembeck <sup>\*</sup>(2006) desenvolveram tal modelo, fiquei imediatamente interessado.

Explorando o que Horne e Zimmer-Gembeck rotularam como sendo uma literatura feminista, descobri que elas apontaram diversas maneiras pelas quais os valores culturais e os comportamentos sociais objetificam jovens mulheres, diminuindo os seus níveis de autoestima. Através de regras e padrões inatingíveis, essas jovens vinham sendo condicionadas a serem menos agentes (menos ativas) nas suas decisões, atitudes e comportamentos sexuais. Aqui vale ressaltar a perspectiva ampla de sexualidade que está sendo contemplada: não se tratava apenas de relações sexuais (no sentido de prática sexual acompanhada), mas também a relação de conforto e aceitação do próprio corpo, a confiança ao interagir com outros e o que esperar deles, a maneira com que experiências passadas são encaradas – servindo de referência para vivências futuras. Após a apresentação e descrição desse fascinante novo conceito, ele foi correlacionado com algumas medidas de qualidade de vida, isto é, de saúde geral, o que só reforça a importância do assunto. Em outras palavras, trata-se de um aspecto da sexualidade que por “n” motivos pode estar sendo prejudicado e, desta forma, impactando a qualidade de vida das jovens mulheres, assim como seu bem-estar geral e sexual.

Uma década após a publicação do primeiro artigo, Zimmer-Gembeck <sup>†</sup>(2016) lançou um segundo artigo, desta vez com alguns ajustes na escala de avaliação e com um interesse em avaliar a população de jovens rapazes, comparando seus resultados com os das jovens mulheres. Os homens reportaram uma maior sensação de direito a receber prazer deles mesmos e também uma maior autoeficácia sexual, enquanto mulheres apresentaram uma maior sensação de direito a receber prazer do(a) parceiro(a). Além de alguns resultados interessantes entre os gêneros, o artigo constatou que a escala de avaliação de Sexual Subjectivity possui plenas condições para ser aplicada a

---

<sup>\*</sup> Horne, S., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2006). The female sexual subjectivity inventory: Development and validation of a multidimensional inventory for late adolescents and emerging adults. *Psychology of Women Quarterly*, 30(2), 125-138.

<sup>†</sup> Zimmer-Gembeck, M. J., & French, J. (2016). Associations of sexual subjectivity with global and sexual well-being: A new measure for young males and comparison to females. *Archives of sexual behavior*, 45(2), 315-327.

qualquer pessoa. O machismo afeta a todos. Embora não seja o caso de comparar dores ou a intensidade das pressões sociais (afinal, a mentalidade machista sempre colocou as mulheres como principal alvo de agressões e repressões), é importante pensar que todos os gêneros sofrem com tais imposições. Isso vale tanto para homens sendo pressionados a atingirem determinados parâmetros de virilidade (escondendo sua vulnerabilidade) quanto para identidades não-binárias de gênero, sofrendo por não se adequarem a expressões de gênero mais convencionais. A mesma lógica se aplica às diversas orientações sexuais e à maneira como a expressão de desejo sexual é percebida (como a homofobia). Um exemplo disso é o fenômeno da “invisibilidade bissexual” descrito por Gurevich et al.<sup>‡</sup> (2007), em que uma parcela da população acaba por não ser reconhecida nem contemplada (mesmo dentro da comunidade LGBT), o que acaba interferindo no processo de criação de uma identidade própria e sua relação (inclusive sexual) com o restante da sociedade. Esse exemplo, como tantos outros, justifica que se busque compreender o self-sexual de todos. Ou seja, o quanto uma pessoa protagoniza sua própria sexualidade é digno de estudo, independentemente do gênero e da orientação sexual com os quais ela se identifica.

A minha curiosidade estava instaurada: como será que tal variável da sexualidade se aplica a um grupo que não se configura como australianos caucasianos heterossexuais de condições financeiras privilegiadas? A população brasileira vai ter resultados mais favoráveis ou menos? Que variáveis interferem nesta “subjetividade sexual”? Entrei em contato com as autoras e consegui autorização para adaptar o instrumento para o idioma português e a população brasileira. Após uma sugestão da banca de qualificação do mestrado, alterei o nome do constructo para Self-sexual – o que as próprias autoras originais reforçaram que fazia sentido, já que contemplava o foco do fenômeno e evitava outras possíveis conotações existentes na literatura. A partir daí, só restou lançar a pesquisa no ar!

Apesar da professora Dra. Mariana G. Boeckel, minha orientadora, não trabalhar especificamente com a temática de sexualidade, o tema ainda se

---

<sup>‡</sup> Gurevich, M., Bower, J., Mathieson, C. M., & Dhayanandhan, B. (2007). What do they look like and are they among us?': bisexuality, (dis) closure and (un) viability. *Out in psychology: Lesbian, gay, bisexual, trans and queer perspectives*, 217-241.

enquadrava na linha de pesquisa do Programa de Pós Graduação Psicologia e Saúde da UFCSPA: “Processos psicossociais, Saúde e Desenvolvimento”, servindo de agente de promoção e prevenção de saúde. Afinal, trata-se do desenvolvimento sexual (e psicológico também, por que não?) de jovens tentando viver e crescer nesse mundo com tantos estímulos e obstáculos. Justamente por se tratar de um tópico tão vasto e repleto de possíveis caminhos a serem trilhados, sei que é um conteúdo que ainda renderá muitos trabalhos. Sem dúvida, é uma causa que me estimula a querer lutar por ela. Luta e contribuição esta que se dará nas rodas pessoais e informais, no consultório privado e, principalmente, onde mais tive gratificação e motivação: nas salas de aula.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar os componentes do self-sexual (autoestima corporal-sexual, sensação de direito a receber prazer sexual de si mesmo(a), sensação de direito a receber prazer sexual do(a) parceiro(a), autoeficácia para alcançar o prazer sexual, autorreflexão sexual) de adultos jovens brasileiros e a suas associações com autoestima e satisfação com a vida.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Verificar se existem diferenças entre as identidades de gênero e orientações sexuais no que tange aos componentes do self-sexual (autoestima corporal-sexual, sensação de direito a receber prazer sexual de si mesmo(a), sensação de direito a receber prazer sexual do(a) parceiro(a), autoeficácia para alcançar o prazer sexual, autorreflexão sexual).

- Verificar se existem diferenças entre níveis de religiosidade no que tange aos componentes do self-sexual (autoestima corporal-sexual, sensação de direito a receber prazer sexual de si mesmo(a), sensação de direito a receber prazer sexual do(a) parceiro(a), autoeficácia para alcançar o prazer sexual, autorreflexão sexual).

#### 4 CONCLUSÃO DA DISSERTAÇÃO

Foi uma emocionante e memorável jornada esta experiência de pesquisa. Após conquistar com muito desgaste a aprovação do conselho de ética, me lembro bem do qual empolgante foi ver a adesão do público à pesquisa, os números da amostra subindo exponencialmente em pouquíssimo tempo. Era inevitável pensar que se tratava de um assunto que realmente despertasse o interesse do público alvo, o que só reforçava a motivação para trabalhar com o tópico. Apesar disso, chamou atenção a baixa adesão da população masculina, fenômeno que por si só pode ser sintomático (seriam os homens menos abertos a discutirem sua sexualidade? O que eles temem?), ou talvez tenha sido uma consequência da escolha dos meios de divulgação e de recrutamento. De qualquer maneira, é algo a ser estudado e revisado nas futuras pesquisas em que pretendo me engajar. Da mesma forma foi uma infortúnio não ter conseguido atingir a população transgênera. Apesar de não ter sido uma surpresa, dado o quão marginalizada se encontram as pessoas trans, certamente seria uma rica experiência estudar de que maneira se apresenta o self-sexual delas. No entanto, conforme já havia sido hipotetizado durante a banca de qualificação do presente mestrado, talvez justamente por não se identificarem com o sexo designado a essas pessoas é que seria possivelmente necessário um estudo mais focado e adaptado a essa população, afinal, são processos de identificação de gênero tão distintos que dificilmente algum resultado seria simultaneamente generalizável para população cisgênera e transgênera.

Outra observação que me frustrou foi quando constatei que seria melhor modificar as alternativas “homem cisgênero” e “mulher cisgênera” para simplesmente “homem” e “mulher”. Foi uma decisão tomada devido a um entendimento que a maior parte da população não estaria familiarizada com o termo “cisgênero” e conseqüentemente não assinalaria o espaço adequado. Fez sentido do ponto de vista logístico (posto que a maior parte da população que seria recrutada acabaria sendo cisgênera), mas ainda encaro como um mal necessário, afinal pode ser uma forma de propagar uma perspectiva de cisheteronormatividade, algo bem contrário aos meus princípios enquanto profissional da saúde e enquanto pessoa. Inclusive recebi o feedback de uma participante trans dizendo que o termo incomodou pois dava a entender que uma mulher

transgênera não era uma mulher “de verdade” já que o outro campo dizia “mulher”. Uma crítica justa e merecida. Não é à toa que o processo de construção e validação de um questionário ou de uma escala é tão criterioso e metódico, afinal existem inúmeras maneiras de tentar endereçar uma informação, cada forma com suas devidas interpretações, repercussões e consequências.

Neste projeto ambicioso de compreender o self-sexual, creio que o objetivo de descrever e mapear esse fenômeno novo no Brasil foi cumprido. O primeiro objetivo foi investigar a relação entre self-sexual e qualidade de vida (mensurada através da satisfação com a vida e a autoestima geral): constatou-se que dependendo de onde a pessoa se encontra no espectro entre sentir-se sujeito da sua própria sexualidade ou sentir-se objeto, haverá uma correlação com uma maior ou menor qualidade de vida geral e global (o que justifica e reforça a relevância do estudo neste assunto). O segundo objetivo era avaliar a diferença entre gêneros. Foi uma grata surpresa encontrar na presente amostra mulheres relatando estarem bem à vontade com sua sexualidade, com mais agência do que objetificação, embora ainda exista muito o que se estudar para entender o que justifica tal achado. Vale ressaltar que o estudo de self-sexual foi primordialmente desenvolvido numa preocupação com o bem-estar de mulheres sendo reprimidas e desencorajadas a desejarem, a se sentirem no direito a viver uma sexualidade ativa e protagonista (tendo como a primeira escala o Female Sexual Subjectivity Inventory). Tomando o presente estudo como parâmetro, aparentemente a educação e a cultura estão estimulando que as mulheres se apropriem mais dos seus desejos e vontades, embora não se pode ingenuamente atribuir que valores machistas deixaram de existir.

Buscando uma investigação mais ambiciosa do que o estudo australiano que inspirou esta pesquisa, a comparação não se limitou a apenas gêneros, mas também a orientações sexuais. Afinal, de que maneira se diferenciam os self-sexuais de homens heterossexuais, homens homossexuais, homens bissexuais, mulheres heterossexuais, mulheres homossexuais e mulheres bissexuais? Para minha surpresa, quem se destacou (positivamente) foram as mulheres bissexuais, com escores significativamente mais elevados em três subescalas. Resultado curioso, afinal sabe-se que a bissexuais tendem a sofrer mais de ansiedade, depressão e ideação suicida e tendem a se destacar menos

socialmente (por um fenômeno de “identidade invisível”, já que comumente não são identificados, inferindo-se que são heterossexuais ou homossexuais).

O último objetivo dizia respeito a constatar a influência (negativa) da religiosidade no self-sexual. Afinal, o modelo moral/religioso de educação sexual sempre tratou de agir de forma a evitar o assunto sexo, promover a castidade e abstinência sexual e reprimir as vivências sexuais pré-nupciais, privando que os jovens possam explorar e se descobrirem sexualmente. Quando os resultados do inventário de religiosidade e as subescalas de self-sexual foram correlacionados, foram encontrados sinais dúbios. Embora tenha aparecido a esperada relação indireta de que quanto mais religiosa a pessoa fosse menor seria a sensação de direito a receber prazer sexual de si mesmo(a) e do parceiro(a), o mesmo não foi constatado para as demais subescalas. Mais surpreendentemente ainda que isto, no caso da variável “Autoestima Corporal-Sexual”, a correlação foi direta. Isto pode ter sido apenas um falso-negativo devido a obstáculos metodológicos ou de fato é uma “verdade” a ser melhor compreendida. Afinal tantos séculos registrando o aspecto repressor com que as religiões cristãs abordam a sexualidade, faria muito mais sentido que quanto mais alguém incorporasse dogmas religiosos na sua identidade, menos “dona da sua sexualidade” ela seria, menos ela apreciasse seu corpo enquanto veículo sexual.

A lista de mais variáveis a serem contempladas e aprofundadas ainda poderia seguir de maneira extensa, desde o impacto de ter filhos, de morar com os pais (algo cada vez mais presente na atual economia), a maior pluralidade de parceiros sexuais, o papel das mídias sociais e até da pornografia (que vem tendo um efeito negativo nas expectativas de relações sexuais realistas). Ainda há muito o que se pode testar enquanto possíveis influenciadores de um self-sexual mais ou menos objetificado.

Acredito que negociações estão sempre presentes quando nos propomos a pesquisar. São muitas portas que podem ser abertas, aceitamos que determinados aspectos serão abordados superficialmente para que se possa manter o foco no assunto principal. Assim é o caso ao se determinar que será uma pesquisa quantitativa ou qualitativa, uma bateria de testes longa (que investiga mais dados) ou curta (que mantém o respondente engajado), um “n” grande ou pequeno. É frustrante por natureza, não podemos ter tudo, nem



esgotar todas possibilidades. No caso desta dissertação em particular, trata-se de um tópico novo e vasto a ser descrito. Estudar o self-sexual implica em entender como aceitamos e protagonizamos nossa sexualidade, posteriormente podendo incorporar tais aprendizados na nossa educação e cultura, assim nos capacitando para ter vidas mais livres e saudáveis. Por hora, há mais variáveis e dados do que seria plausível de se explorar no restrito tempo de um mestrado, como se estivéssemos recém identificando a ponta de iceberg. Porém, nada se se encerra por aqui, muitos são os dados a serem rastreado e compreendidos, possibilitando aprender mais sobre este complexo constructo que é o self-sexual. Ainda irei realizar diversas missões de mergulho!